

Editorial

Território e descolonização realizada na práxis

Territorio y descolonización realizada en la práxis

Territory and decolonization carried out in praxis

Marcos Aurelio Saquet*

Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Paraná, Brasil

saquetmarcos@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-3435-8428

Cristina Maria Macêdo de Alencar

Universidade Católica do Salvador. Salvador, Brasil

cristina.alencar@pro.ucs.br

ORCID: 0000-0002-1463-6224

Citar como: Saquet, M. A. y de Alencar, C. M. M. (2025). Território e descolonização realizada na práxis. *Desde el Sur*, 17(3), e0038.

Um dossiê carrega a possibilidade de reunir textos que configuram uma compreensão acerca de determinado tema, a partir de diferentes caminhos teóricos e metodológicos. Desse modo se configurou *Território e descolonização realizada na práxis*, trazendo três categorias teóricas que contêm polissemias que as distinguem em termos de abordagem contemporânea. Contudo, nessa polissemia, território, descolonização e práxis se identificam como perspectiva que não prescinde da alteridade construída socio-historicamente na relação entre sociedade e natureza, em que o ser humano é um ser natural e sua relação com a natureza é cultura de identidade social. Nesse sentido, por vezes, essas categorias não são nominadas, mas configuram justificativas epistêmicas e ontológicas.

Olhando para o lugar na expansão e a qualificação do debate descolonial, na Abya Yala, onde estamos, esta reflexão e discussão é recente, como ocorre em outros continentes, e têm sido notórias nos últimos 20 anos. De forma mais intensa e sistemática, o debate tem ocorrido em países como Bolívia, Equador, México, Colômbia, EUA e, mais recentemente, Brasil, Argentina e Chile. Sobre o descolonizar, há uma discussão interdisciplinar, sobretudo nos níveis acadêmico e político, em especial discursiva e teoricamente. Destaca-se a existência

* Autor corresponsal: Marcos Aurelio Saquet, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Paraná, Brasil. Correo: saquetmarcos@hotmail.com

de iniciativas científicas que se dão articulando o movimento descolonial com abordagens e concepções territoriais comumente consideradas histórico-críticas, algumas das quais estão centradas na práxis cotidiana de descolonização.

O interesse, para este número especial da revista científica *Desde el Sur*, é promover o debate e a socialização de diferentes concepções de território que estejam relacionadas com a problemática da descolonização da educação nos distintos níveis escolares com o discorrer na teoria, com o acontecer na prática. Norteia-nos a perspectiva teórico-prática, integrando ciência, saberes e fazeres originários e populares, em que também nossas mentes e práticas cotidianas se vinculam como práxis territorial de descolonização. Os artigos publicados neste dossiê dão conta desse interesse.

O artigo intitulado *O cacau de várzea como expressão da sociobiodiversidade amazônica: a experiência da Região de Integração do Tocantins, Pará*, situado no Brasil, explicita a dimensão social na natureza e no território, situando, desse modo, a construção e a resistência dos povos da floresta como sujeitos históricos na relação entre sociedade e natureza. As autoras Shirlene Cardoso Gaia e Benedito Ely Valente da Cruz explicitam um existir originário em meio ao existir do capitalismo global, os «aspectos socioterritoriais, econômicos e culturais envolvidos no cultivo tradicional do cacau de várzea». Nesse sentido de existir originário, portanto, não colonizado ao invés de descolonizado, o debate de conteúdo decolonial se configura na metodologia e no discorrer teórico mediante pesquisa que acessou e considerou os saberes comunitários de «práticas tradicionais de manejo, a dinâmica da produção e os vínculos identitários associados ao cacau originário da RI do Tocantins». Reconhece-se, na sociobiodiversidade amazônica, um modo próprio e original de vivência territorial na Abya Yula que não se curvou ao colonial.

A vivência de práticas originárias conservadas expressa saberes que na contemporaneidade são denominados tecnologias, onde o desenvolvimento moderno considera o conhecimento originário como não existente e, nesse sentido, as práticas assumem conteúdo decolonial. Escrito por Cristiane Alves de Oliveira, o artigo *ÁRBOL DE LA VIDA: um saber*

ancestral nas mãos de ceramistas que moldam de forma artesanal traz, além deste sentido, a evidência da coexistência entre o colonial e o decolonial numa peça de cerâmica de autoria desconhecida, mas que referencia uma tradição do município Metepec, no México. Na cerâmica em formato de árvore, a coexistência entre o colonial e o decolonial estão em símbolos representativos da história bíblica que serviram para aproximação com a cultura local. Examinada com metodologia de múltiplos procedimentos qualitativos, foram reconhecidos na cerâmica, composição e iconografia semelhantes a técnicas tradicionais da época colonial e interferências da colonização espanhola na reinterpretação e substituição dos objetos culturais nativos, símbolos da identidade e tradição dos povos originários daquela região, configurando memória cultural em um país multiétnico.

Há também concepções próprias e originais de território nascidas na Abya Yula, desta vez na Colômbia, demonstradas no artigo *Territorialidades Campesinas en perspectiva de la Geografía Radical. Experiencia de la Zona de Reserva Campesina Pato-Balsillas*. Neste caso, o território é vivido pelos campesinos da Reserva Pato-Basillas no enfrentamento ao desenvolvimento dominante, contribuindo para descolonizar a relação sociedade e Estado no acontecer prático, e é teorizado pelo Sergio Borda León como Produção do Território, o qual «resulta de las relaciones sociales y de la apropiación históricamente definida, donde claramente se observa un abordaje renovado, interdisciplinar, material e inmaterial del territorio y de la territorialidade».

A escolha da temática território e descolonização realizada na práxis, como eixo organizador das reflexões deste dossiê, carrega o entendimento de que teoria (abstrações, estudos, escolarização) e prática (vivência, lutas, resistências) compõem a práxis possível para a descolonização e consequente afirmação dos territórios. Nesse sentido, pela autoria de Gilmar Tupã Re Sapy Chamorro e Léia Aparecida Veiga o artigo *A mediação do livro didático nas aulas de Geografia no Tekoha Ocoy em São Miguel do Iguçu/Paraná/Brasil* demonstra a ineficácia do ensino de geografia no Colégio Indígena Teko Nemoingo de cultura Avá-Guarani, naquilo que seria o conteúdo decolonial, e convoca docentes a inserir «conhecimentos produzidos por ancestrais indígenas e uso da língua materna (escrita e falada) no decorrer da aula».

Onde o Estado institucionalizou a uniformização escolar, como é o caso do Chile e do Brasil, como mencionado no artigo que trata do ensino de geografia em escola indígena, saberes originários emergem em experiências didáticas decoloniais. É o que trata o artigo *Propuesta didáctica intercultural crítica: el análisis de la intertextualidad en el epew*. O texto, de autoria de Daniel San Martín Cantero, Miguel Noriega Nahuelpán y Kevin Riquelme traz o relato mapuche-*epew* na proposta didática de incorporar este recurso cultural tradicional nas instituições de educação mediante pedagogia intercultural. O trabalho propõe intertextualidade com enfoque intercultural em que «Se emplea el *epew* y la fábula como recursos para una didáctica intercultural crítica para responder a la colonización de saberes y la injusticia epistémica en los contextos escolares».

É possível afirmar que, a partir do nexo ordenador dos artigos apresentados neste dossiê, em torno de território e descolonização na práxis, processos de conteúdo decolonial se expressam, por vezes, sem explicitar alguma teoria e categoria teórica decolonial. A justificativa epistêmica das perspectivas territorial e decolonial se configura a partir da prática de pesquisa engajada mediante alteridade científica, em superação de etnocídios e racismos, em reconhecimento da legitimidade de múltiplos saberes e fazeres na construção de saber científico nas diversas ciências contemporâneas de imersão nos cotidianos, especialmente os vivenciados em Abya- Ayla.

Nesse sentido, a compreensão da complexidade que perpassa o território e o decolonial possibilita reconhecer múltiplas dimensões em alteridade e coexistência quando se busca o que e quem está sendo descolonizado ou descolonizando-se. Exemplos de onde e como se dão esses processos também acionam corpo, gênero e natureza. É emblemática a condição indígena que traz o artigo *Entre o extermínio e a luta: o 'corpo-território' como alvo da repressão e ferramenta de resistência indígena nas ditaduras do Cone Sul*, da autoria de Rocha Oliveira, que envolve vários países da Abya-Ayla. Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Brasil são trazidos no artigo como países em que a repressão estatal, durante suas ditaduras, incidiu sobre os corpos indígenas para romper suas relações com os respectivos territórios. A abordagem territorial se

afirma a partir do conceito de corpo-território articulando Doutrina de Segurança Nacional, terrorismo de Estado, biopolítica, necropolítica e colonialidade do poder em análises documental e bibliográfica que registram formas sistemáticas de violência e os modos diversos de resistência elaborados pelas comunidades. O corpo-território assume espaço simbólico e político de reexistência, memória e denúncia quando se criticam as disputas territoriais.

Gênero e natureza, assim como os corpos, também se configuram como dimensões passíveis de processos decoloniais, tendo em vista terem sido violentados e oprimidos para fazerem-se à imagem e semelhança do colonizador, mesmo que no aqui e agora a cultura colonizadora esteja na heteronomia do machismo. Assim é que novas institucionalidades se constroem, a exemplo do que se evidencia no artigo *Agência das mulheres Sem Terra na descolonialidade de gênero e da natureza*, da autoria de Cristiane Coradin, Sonia Fátima Schwendler e Alfio Brandenburg. Os coletivos que emergem de diferentes movimentos sociais, dinamizados por mulheres, integram demandas significadas pelo ser feminino, quer seja na dimensão econômica quer seja na dimensão subjetiva e, no caso estudado no referido artigo, os saberes empíricos são mediados por conhecimentos ecológicos, dialogando com os saberes. O artigo traz a experiência de mulheres com quintais produtivos, no Paraná - Brasil, que construiu na prática a resistência ao monocultivo intensivo de grãos, fazendo emergir a agroecologia em territórios de reforma agrária; produção diversificada, histórica e culturalmente praticada pelas mulheres, criando novos mercados e habilidades sem deixar de lidar com os desafios impostos às mulheres de cuidar de crianças, enfrentar violências de gênero, suportar sobrecarga de trabalho e produzir apesar da escassez de financiamento, mas sempre apoiadas pelo feminismo camponês popular.

Descolonização (ou descolonizações...) tão necessária, inclusive, nas universidades, como se argumenta no texto de Edgar Andrés De la Cruz Rojas y Manuel Lara Caballero, intitulado «Pensamiento indígena y planes de estudio en políticas públicas: ¿es posible una descolonización epistémica desde las universidades mexicanas?», destacando-se a reconstrução dos currículos acadêmicos a partir da teoria decolonial,

em especial do pensamento indígena, por meio do qual pode ocorrer a articulação de distintos saberes, tendo como um dos resultados a curricularização da cosmologia indígena, ainda muito atual e relevante cultural e politicamente.

Aliás, está cada vez mais claro que nossas universidades colonizadas precisam ser refundadas sob outras teorias e filosofias, epistemologias e ontologias, e, para tal, o conceito de território tem se revelado muito útil como orientação teórico-prática para superar as marcas da colonialidade. Esse debate é nutrido por María Marta Yedaide y Paula Gambino no texto «Territorio y colonialidad: gentrificaciones onto-epistémicas contemporáneas», a partir da educação feita por meio da extensão universitária, tensionando-se as relações colonial-descolonial, universidade-comunidade e se subsidiando o urgente giro decolonial feito na práxis.

Desse modo, acreditamos que, com estes textos e muitos outros já publicados na Abya Yala e em outros continentes, com o sentido de revelar as profundezas da colonização e da colonialidade, com severas e sistemáticas críticas, estão na base de um movimento que se alarga no tempo e no espaço, contribuindo para diferentes práxis territoriais que contribuem para descolonizar e construir alternativas ao modelo hegemônico tido como de desenvolvimento. Aqui estamos, trabalhando muito, com compromisso político-cultural e ambiental, com muita imersão social e territorial, na esperança de construir ciências e filosofias outras, territorialidades também outras, mais justas e simétricas, mais solidárias, cooperadas e sustentáveis para todos e todas.

Contribución de autoría

Marcos Aurelio Saquet y Cristina Maria Macêdo de Alencar cumplieron con todas las fases CRediT.

Fuente de financiamiento

Autofinanciado.

Potenciales conflictos de interés

Ninguno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves de Oliveira, C. (2025). Árbol de la vida: um saber ancestral nas mãos de ceramistas que moldam de forma artesanal. *Desde el Sur*, 17(3), e0041.
- Borda Leon, S. (2025). Territorialidades campesinas en perspectiva de la geografía radical. Experiencia de la Zona de Reserva Campesina Pato-Balsillas. *Desde el Sur*, 17(3), e0039.
- Cardoso Gaia, S. e Valente da Cruz, B. E. (2025). O cacau de várzea como expressão da sociobiodiversidade amazônica: A experiência da Região de Integração do Tocantins, Pará. *Desde el Sur*, 17(3), e0047.
- Coradin, C., Schwendler, S. F. y Brandenburg, A. (2025). Agência feminista decolonial: resistência das mulheres Sem Terra na interseção entre gênero e natureza. *Desde el Sur*, 17(3), e0046.
- De la Cruz Rojas, E. A. y Lara Caballero, M. (2025). Pensamiento indígena y planes de estudio en políticas públicas: ¿es posible una descolonización epistémica desde las universidades mexicanas? *Desde el Sur*, 17(3), e0044.
- Rocha Oliveira, A. G. (2025). Entre o extermínio e a luta: O «corpo-território» como alvo da repressão e ferramenta de resistência indígena nas ditaduras do cone sul. *Desde el Sur*, 17(3), e0040.
- San Martín Cantero, D., Noriega Nahuelpán, M. y Riquelme, K. (2025). Propuesta didáctica intercultural crítica: el análisis de la intertextualidad en el *epew*. *Desde el Sur*, 17(3), e0043.
- Tupã Re Sapy Chamorro, G. e Veiga, L. A. (2025). A mediação do livro didático nas aulas de Geografia no Tekoha Ocoy em São Miguel do Iguaçu/Paraná/Brasil. *Desde el Sur*, 17(3), e0042.
- Yedaide, M. M. y Gambino, P. (2025). Territorio y colonialidad: gentrificaciones ontoepistémicas contemporáneas. *Desde el Sur*, 17(3), e0045.

Recepción: 20/8/2025

Aceptación: 21/8/2025